

O HUMANISMO SARTREANO.

DANILO GOMES FERREIRA ¹
SIMEÃO DONIZETI SASS ²

RESUMO

O propósito deste estudo é expor alguns conceitos abordados pelo filósofo francês Jean Paul Sartre, principalmente na obra “*O Existencialismo é um humanismo*”. O principal foco que escolhemos é refletir sobre algumas noções e demonstrar possíveis vínculos que elas estabelecem entre si. Segundo Sartre, no homem a “existência precede a essência”, pois não há um Deus criador que lhe conceda, de forma *a priori*, uma natureza humana. Sendo assim, é o próprio homem que define sua essência, não de forma imediata, mas ao longo de sua vida. A escolha é necessária em toda e qualquer ação humana. Ela é auto-valorativa na medida em que é feita diante de uma enorme quantidade de possibilidades, ou seja, nela já está incluso um valor moral, que servirá de exemplo para os outros. Assim sendo, ela não deve ser exercida de forma autoritária e individualista, pois o homem é responsável por qualquer escolha que faça e para com toda humanidade de seu tempo presente. A liberdade é o fundamento de todos os valores éticos. É por ser livre que o homem exerce todas as suas ações, estabelece seus valores em seu abandono e quer-se a si mesmo. A liberdade é imposta ao homem visto que ele não cria seu próprio ser. Portanto, uma das principais preocupações de Sartre no âmbito da moral é defini-la no próprio cotidiano humano, ou seja, ele deseja construir uma moral fundada na ação da realidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: existencialismo, humanismo, escolha, liberdade, moral.

ABSTRACT

The aim of this study is to present some concepts which the French philosopher, Jean-Paul Sartre, treats principally in his work, “*Existentialism is Humanism*”. We have chosen to reflect on some of its notions and to demonstrate any connections which may exist between them. According to Sartre; “existence precedes essence” in mankind because no creator God exists to impart a human nature to man in an a priori manner. Thus it is man himself Who

¹ Faculdade de Artes, Filosofia e ciências Sociais - FAFCS; Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Rua Francisca Alves Rabelo nº 81, Carajás, Uberlândia - MG, CEP 38.408-528; daniloferreira10@yahoo.com.br.

² Faculdade de Artes, Filosofia e ciências Sociais - FAFCS; Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Rua Alexandre M. Marques nº 396, Virgilato Pereira, Uberlândia - MG, CEP 38.408-456; simeao78@gmail.com.

defines his own essence, not in an immediate fashion but throughout his life. Choice is a necessary factor in any human act and it is auto-evaluative since it has to be made in the midst of many possibilities. Choice also involves moral values which serve as an example to others and should not be made in an authoritarian or individualistic manner. Man is responsible for all his acts and is so in the face of contemporary mankind. Freedom is the foundation of all ethical values and it is because man is free that He acts in his own peculiar way, establishes his values in abandon and desires to realize himself. Freedom is imposed on man since he does not create his own being. Therefore, one of Sartre's principal preoccupations regarding the moral order is to define it in relationship to daily human life i.e. he desires to construct a moral order based on human-reality acts.

Keywords: existentialism, humanism, choice, freedom, moral

INTRODUÇÃO

Antes de adentrar no entendimento dos conceitos abordados por Sartre na obra “*O existencialismo é um humanismo*” vejamos como ela se destaca na tentativa de explicação do existencialismo, segundo Luis Carlos Maciel:

A conferência de Sartre *O existencialismo é um Humanismo* é a exposição mais conhecida do existencialismo. Sua repercussão foi imensa. Sua fórmula “a existência precede a essência” é usada em quase todos os novos manuais de filosofia para definir o existencialismo. (MACIEL, 1967, p. 122).

Inicialmente, a conferência foi um meio utilizado por Sartre para tentar esclarecer de modo mais acessível a teoria existencialista e principalmente defender-se de algumas críticas postas ao seu existencialismo ateu.

Por esta razão, ele aborda alguns dos principais conceitos contidos em seu pensamento filosófico. Ao seguir tal percurso, Sartre acaba demonstrando que determinados atos podem proporcionar aos homens um melhor relacionamento na vida social.

O filósofo francês tenta fundar sua filosofia nos conflitos e no cotidiano humano, ou seja, na concretude da existência humana. Por isso, ele intitula a sua teoria um existencialismo humanista.

As críticas endereçadas ao existencialismo partem de várias frentes, principalmente cristãs e marxistas³. Os comunistas basicamente censuram Sartre por sua teoria levar as pessoas para um “imobilismo do desespero”, de ser uma filosofia contemplativa e burguesa. Sendo assim, o existencialismo seria um ato meramente soberbo, pois, segundo eles, neste campo as ações humanas não seriam possíveis e estariam fechadas, necessariamente, todas as portas.

Recriminações são elencadas devido ao fato de o existencialismo evidenciar uma espécie de maldade humana, ou seja, tratar apenas do lado sórdido de sua existência. Alguns o repreendem por ele, além de não confirmar, negar uma “solidariedade humana”, admitindo assim um isolamento do homem em si próprio.

Isto ocorreria porque, segundo os marxistas, esta teoria sartreana partiria da subjetividade pura, encontrada no *cogito* de Descartes, isto é, com o *eu penso* cartesiano o homem atingir-se-ia a si próprio, ficando isolado do mundo exterior, impossibilitando-o de relacionar-se solidariamente com os outros que existem fora dele, pois, no interior do *cogito* são incapazes de serem alcançados.

Os cristãos censuram Sartre, por despertar um sentimento de gratuidade

³ Cristãs: Emmanuel Mounier e Jacques Maritain.
Marxistas: Pierre Naville e Roger Garaudy.

pura nas ações humanas, pois não existindo Deus o homem estaria livre de qualquer ordenamento moral ou valores *a priori* de conduta, visto que Deus é a origem primeira de todos eles.

Sendo assim, imperaria uma enorme desordem (pandemônio) moral, onde todos fariam qualquer ato e não podendo, por conseguinte, homem algum subjugar atos de outros tendo como paralelo os seus próprios.

Para responder a estas acusações Sartre tenta explicar uma relação concreta de convivência humana, partindo das próprias pessoas. Toda e qualquer ação humana seria exercida necessariamente por um homem em seu cotidiano, ou seja, uma ação seria condicionada pela subjetividade.

Sendo assim, vejamos como o próprio Sartre define este existencialismo numa visão humanista:

Em todo o caso, o que desde já podemos dizer é que entendemos por existencialismo uma doutrina que torna a vida possível e que, por outro lado, declara que toda a verdade e toda a ação implicam um meio e uma subjetividade humana. (SARTRE, 1973, p. 9-10).

Contudo, a principal crítica enfrentada pelo existencialismo sartreano é, sem dúvida, a de enfatizar o lado negativo da humanidade, ou seja, não mostrar o lado bom do homem, somente sua maldade, aliando-o a uma feiúra, sendo que, para Sartre, o existencialismo espanta,

causa indignação, repercute mais do que o próprio naturalismo. Porém os críticos, que chamam o existencialismo de pessimista, proferem frases que traduzem um enorme sentimento de tristeza, são as mesmas que acham atos baixos e repugnantes muito humanos, em canções realistas, por exemplo. Elas, então, censuram o existencialismo não por um pessimismo, mas sim por um otimismo duro.

Então, por que ocorre este temor do existencialismo? Seria porque Sartre aborda uma posição onde é o próprio homem quem escolhe suas possibilidades? São estas questões e críticas, pertinentes ao existencialismo, que Sartre se propõe a responder ao longo de sua obra.

Uma grande dificuldade encontrada na definição do existencialismo é que ele se vulgarizou e se transformou num modismo, ou seja, as pessoas utilizavam algumas frases, que definiam como existencialistas, mas na verdade, não sabiam realmente o que significavam ou se tais frases se adequavam ao que realmente era.

Segundo Sartre, esta é uma teoria fundamental, muito rigorosa e é própria para os filósofos, porém, não é de difícil definição. O que dificulta a definição do existencialismo é que existem duas formas para ele. Uma é definida como existencialismo cristão e a outra o existencialismo ateu. Esta última é a que

Sartre assume, que admite que a “existência precede a essência” e que parte da subjetividade.

Para entender melhor este posicionamento teórico de Sartre em relação à existência e à essência, é preciso observar o que ele entende por visão técnica do mundo que é: a produção, um composto de conceitos e modo de se produzir algo, precedendo a existência, o fabricado. Isto é, para um artesão fabricar um objeto específico, como uma bola de futebol, ele terá de inspirar-se em conceitos para fabricação de bolas e produzi-la sob uma técnica referente a este conceito, onde procedimentos somados formariam uma espécie de “fórmula” para se fazer bolas. Produzir uma bola é produzi-la sob um modelo de produção, para que ela tenha uma serventia (praticar um esporte) definida. Com isso, a essência - técnicas, conceitos e finalidade para se produzir algo - precede a existência do objeto (bola) propriamente.

Do mesmo modo, quando se concebe um Deus criador, anterior a tudo e a todos, o homem se vê como uma criação Dele, igualmente. Este “Artesão supremo” teria em sua onipotência, o conceito, as técnicas e a finalidade para a fabricação de homens e, com sua onipresença, determinaria e saberia o que criou, toda e qualquer ação, vontade e desejo dos homens, seriam a consolidação destes conceitos. Esta visão

era adotada, por exemplo, por filósofos do século XVII.

Segundo Sartre, o existencialismo ateu que ele defende é mais coeso nesta relação entre existência e essência. Pois não existindo um Deus superior e criador, deveria existir um ser originário, que não é produzido como essência e cuja essência lhe é posterior. Isto é o que define o existencialismo ateu:

[...] se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que esse ser é o homem [...] (SARTRE, 1978, p. 216).

A “existência precede a essência” no sentido de que, primeiro o homem existe, nasce, aparece no mundo e toma consciência de si, para depois sim se definir (essência). Para o filósofo francês, o homem não se define imediatamente após sua existência, mas apenas depois que ele for se realizando a si próprio. Com isto, não haveria previamente uma natureza humana estabelecida por um Deus, visto que ele não existe para realizá-la. Sartre diz:

O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. (SARTRE, 1987, p. 6).

Sartre parte da subjetividade que define o homem como totalidade de realizações, um querer-si a si próprio ao longo de sua existência. Sendo este homem uma diferenciação de objeto, pois não existe nenhum objeto conhecido, que tenha uma consciência reflexiva de si próprio.

Esta existência subjetiva do homem, com o intuito de se definir, é projetada para um futuro. Este projeto do homem, que é consciente de si próprio, é anterior a tudo, ou seja, o homem é um projeto subjetivo que ele próprio estabelece.

Feita esta breve apresentação da teoria humanista existencial e suas críticas, pretende-se neste texto entender e demonstrar como Sartre aborda a relação humana, isto é, como numa visão sartreana é possível uma coexistência humana coerente, visto que, não existe Deus para estabelecer, nem um homem perfeito, muito menos seus valores fixos. Em suma, como Sartre apresenta o existencialismo numa visão humanista.

MATERIAL E MÉTODOS

O tipo de pesquisa que empreendemos para a conclusão do texto foi a teórica e bibliográfica, caracterizada pelo levantamento bibliográfico visando estabelecer os caminhos a serem percorridos para pesquisar e analisar os conceitos do humanismo existencialista de

Sartre na obra base “*O Existencialismo é um Humanismo*”.

A partir disto, desenvolveu-se o plano de trabalho fundamentado, além do texto base, em vários textos, revistas, artigos e em outras obras de importantes comentadores de Jean Paul Sartre. Destacaremos duas: *Existência e Liberdade: Uma Introdução à Filosofia de Sartre*, de Paulo Perdigão e *Sartre: vida e obra*, de Luiz Carlos Maciel.

Após definido os textos foi utilizado o método dedutivo para organizar e pensar as reflexões e conceitos contidos no material. Com o intuito de desenvolver de forma coerente e clara a análise dos conceitos foi exercido um minucioso levantamento de hipóteses para a elaboração de um arsenal conceitual e a partir de todos estes elementos unidos foi possível concluir a pesquisa com a apresentação de um trabalho de conclusão da bolsa de iniciação científica.

O texto de Perdigão foi importante no que diz respeito ao entendimento do conceito de liberdade, onde pode-se aprofundar de maneira mais lúcida este e outros conceitos. Destaque também para o esclarecimento da angústia e suas derivações.

Maciel se tornou indispensável no tocante à compreensão da má-fé, de suas estruturas fundamentais e outras noções que dela decorrem. O restante do material

foi útil para consolidar a elaboração do texto, com várias interpretações de vários estudiosos do assunto foi possível reunir, de modo coeso, todo material em um só texto.

Foi também utilizado como metodologia os debates realizados no interior do GEPEC (Grupo de Estudos do Pensamento Contemporâneo) - UFU visando uma melhor fundamentação teórica dos conceitos abordados por Sartre.

O procedimento técnico para a realização do trabalho foi a análise textual e interpretativa, principalmente, do humanismo existencial de Sartre, para fundamentar de forma científica este trabalho.

Análise foi feita com uma interpretação pormenorizada do texto base, onde se deu um minucioso trabalho de esclarecimento conceitual. Os demais textos foram interpretados para complementar abordagem humanista na visão sartreana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tentaremos agora explicar, de forma clara e distinta, os conceitos que norteiam a proposta de Sartre para entender um pouco mais a moralidade humana.

Para iniciar a abordagem, devemos afirmar que Sartre introduz a noção de responsabilidade. Se no homem “a existência precede a essência”, ele é

responsável por si próprio. Cada homem deseja posicionar o outro no âmbito de sua existência e conferir-lhe plena responsabilidade pelo que é, não apenas para com ele mesmo individualmente, mas para com toda humanidade.

Para Sartre existem dois sentidos para o termo subjetivismo, o primeiro é aquele no qual o homem se encontra incapacitado de ultrapassar o alcance da subjetividade humana, pois suas escolhas são individuais. O segundo é a escolha individual do homem relacionada a todos os outros, ou seja, quando cada homem escolhe a si próprio ele o faz com o intuito de escolher por toda humanidade.

Todo ato humano é feito visando definir algo, a maneira que cada um quer ser. Com isto se desenvolve, igualmente, uma imagem de homem, que é admitida como se deve ser. O ser humano se define e cria uma imagem para a humanidade quando escolhe um valor. Sartre esclarece esta ação do homem que condiciona a humanidade dizendo:

Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda nossa época. (SARTRE, 1987, p. 6-7).

Sartre quer atribuir à escolha um caráter de comprometimento, pois ela envolve um valor ético, é auto-valorativa no sentido de que afeta necessariamente todos os homens. Sendo assim, todo homem nunca deseja o mal, pois ele sempre busca o bem que lhe parece mais viável. E a imagem moral que o homem constrói ao longo de sua vida é válida não somente para todos, mas também para o presente tempo de sua existência.

Neste quadro conceitual, a responsabilidade atribuída ao homem é bem mais abrangente, pois ela envolve a humanidade inteira. Não há ação nenhuma, de ser humano algum, que não envolva a humanidade e que não seja de inteira responsabilidade da pessoa que a fez.

Mesmo ações mais individuais como namorar, por exemplo, envolve cada pessoa, pois quem a faz entende que esta ação é a melhor para ela. Decorrente disto o homem cria certa imagem de si que é válida para todos os homens. Sendo, por conseguinte, responsável plenamente por esta imagem, isto é, escolhendo-se ele escolhe o homem (humanidade).

Com isto, pode-se entender melhor, termos como a angústia, que Sartre define deste modo:

O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele

que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, 1987, p. 7).

O homem se define como angústia. Isto significa que, toda e qualquer escolha humana, por mais particular que seja, envolve não apenas a ele somente, mas a todos os seres humanos; com isto não há meio de se esquivar desta constante responsabilidade plena. Porém, o autor de uma determinada ação, pode tentar mascarar a ansiedade, para si próprio, achando que suas ações envolvem apenas ele mesmo. Com o intuito “covarde” de escapar desta responsabilidade alguns indivíduos dizem que nem todos fazem tais atos. Contudo, deve-se pensar o oposto. Pergunta Sartre: como seria se todos os homens fizessem o mesmo? Ou seja, se todos os homens tentassem escapar desta responsabilidade como ficaria a humanidade?

Quem tenta fugir destas questões e da responsabilidade está agindo de má-fé. Estas pessoas, Sartre caracteriza como:

Quem mente e se desculpa declarando: nem toda a gente faz assim, é alguém que não está à vontade com a sua consciência; porque o facto de mentir implica um valor universal atribuído à mentira. Ainda quando a disfarçamos, a angústia aparece. (SARTRE, 1978, p. 222).

Maciel salienta que existe para a má-fé duas estruturas fundamentais. A primeira define-se em: livrar-se da necessidade de escolher em uma dada circunstância, transferindo-a para outro, ou seja, aqui o agente da má-fé se esquivava de decidir a respeito de alguma ação, fazendo com que outra pessoa decida por ele.

A segunda estrutura ocorre no momento em que um ser consciente apenas interpreta o papel de ser um objeto, deixa sua subjetividade de lado e se apresenta apenas como um ser que os outros desejam que seja. Neste sentido, ele se vê apenas “pelos olhos dos outros”, passa a ser uma coisa determinada por outro, não sendo autêntico consigo mesmo.

O filósofo francês afirma que quem não vive numa angústia ansiosa, vive disfarçado, convicto de que suas ações não interferem na humanidade, mas afeta apenas a si, não admitindo esta responsabilidade para com todos. Tentam esconder-se covardemente em uma atitude de má-fé. Estas pessoas que agem de má-fé, que mentem para si, não estão tranqüilas com suas próprias consciências.

Esta angústia é semelhante a que Kierkegaard define como angústia de Abraão, onde um anjo manda que ele mate seu próprio filho. Aqui Sartre nos apresenta Abraão como um ícone da angústia, pois todos devem se colocar em seu lugar perante os seres humanos. Mas

parece quase inerente a todos os seres humanos a inquietante dúvida a respeito da autoridade e veracidade deste anjo. Se o Abraão que ele comanda para exercer tal ato é realmente este Abraão, ou seja, além da dúvida que ele pode ter sobre sua fé, Abraão pode se perguntar: será que fui eu o eleito para inscrever na humanidade o que eu entendo por homem e que a minha própria escolha é realmente um ideal a ser seguido?

Com todas estas dúvidas, é o próprio homem, mesmo não tendo prova alguma de quem ele é, que escolhe se existe anjo ou não, se tal ação é certa ou errada. Ele deve agir sempre de forma exemplar, como se todos se espelhassem em cada ação para nortear seus atos, ou seja, cada homem deve afirmar para si próprio: serei mesmo eu que opero de tal forma, que regulo as ações da humanidade inteira. Isto significa que o ser humano deve agir de forma correta (moral), como se fosse um regulador das ações da humanidade, como se todos fossem norteados pelos seus atos. Cada um deve agir como um exemplo de homem correto a ser seguido, como um espelho de conduta para a humanidade inteira, cada ser humano deve ser um parâmetro de homem a ser adotado por todos.

Um ambientalista, por exemplo, não deixará de agir em uma mata, protegendo a natureza, mesmo quando suas ações

possam levá-lo e a seus seguidores a repreensões de cunho econômico ou até ferimentos devido aos perigos que podem ser encontrados em florestas fechadas, para que seu objetivo seja concretizado. Sendo assim, a angústia é constituinte condicional de sua ação. A angústia faz parte da ação, da decisão consciente e subjetiva de uma pessoa, pois quando se escolhe uma ação em uma multiplicidade de possibilidades, essa escolha tem valor por si própria, ela se torna auto-valorativa na medida em que a ação escolhida foi eleita perante um enorme número de ações possíveis.

A angústia não é algo que nos afasta da escolha, ela surge desta imensa sensação de responsabilidade para com a humanidade, que é envolvida pela escolha. Ela é também parte da escolha:

Esta espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo, veremos que se explica, além do mais, por uma responsabilidade direta frente aos homens que ela envolve. Não é ela uma cortina que nos separa da ação, mas faz parte da própria ação. (SARTRE, 1973, p. 14).

Sartre, ao afirmar a inexistência de Deus, busca demonstrar um total desamparo (solidão) humano, visto que, não existe Deus nem qualquer valor moral último, como honestidade ou bondade, anterior e acima do homem. Os valores humanos não estão prescritos num céu inteligível. Esta posição sartreana é oposta a moral laica e ao racionalismo francês,

que aderem à idéia de não existência de Deus, mas defendem a existência prévia de valores humanos, que lhes são anteriores e superiores.

O existencialismo sartreano afirma que é até desconfortável a não existência de Deus, pois assim sendo, não haveria nenhum ponto de apoio ético em que os homens principiariam suas condutas. Não existindo Deus, como consciência perfeita e infinita para pensar os valores e o bem, não haveria valores *a priori* e céu superior inteligível aos seres humanos, ou seja, não existiria nenhuma norma que declararia ao ser humano o que ele deve fazer ou não, sendo que só existiriam homens. É neste ponto que surge a frase de Dostoiewsky, afirmando que tudo seria permitido sem a existência de Deus.

É esta liberdade plena nas ações humanas que Sartre toma como ponto de partida de sua teoria humanista existencial, pois não existindo Deus, o homem ficaria abandonado e não teria onde se apoiar, a não ser em si, nunca fora dele mesmo.

Segundo Sartre, “o homem é liberdade”, pois se no ser humano a “existência precede a essência”, não haveria uma natureza humana criada, concebida e imutável, não haveria algo que o comandasse. Sem a existência de Deus, não teriam as pessoas valores impostos para legalizar suas condutas, não ocorreriam desculpas e justificações.

A liberdade é a intenção da consciência de transpor os limites impostos pelo corpo - que nos confere a obrigação de agir entre os objetos presentes no mundo, que podem nos apresentar adversidades ou proveitos -, projetando-se para um possível futuro.

Apenas o homem se coloca no âmbito da liberdade consciente, toda a natureza se encontra governada pelo determinismo (objeto). A liberdade dá prova de sua existência, de maneira concreta, em ato, isto é, ela se apresenta no ato de escolher, de tomar decisões. Em outras palavras, a liberdade é exercida em forma de escolhas, que são requeridas a todo o momento. Isto é a manifestação de nossa finitude e individualidade, pois só podemos escolher uma ação diante de um determinado grupo de atuações possíveis. Não é possível escolher tudo em todas as circunstâncias que implique uma escolha apenas.

Por exemplo, um jovem ambientalista, não poderia escolher ir para mata e ficar em um escritório despachando panfletos de conscientização ambiental, ao mesmo tempo. Se isso fosse possível não seríamos livres, visto que, apenas “não passaríamos de um desenrolar em série infinita de todos os possíveis e desapareceríamos como individualidade.” (PERDIGÃO, 1995, p. 87).

Neste sentido, a liberdade humana é exercida em sua própria realidade, ela não é pura abstração e transcendência, ela é *situada* no mundo, pois, como vimos, o ser humano não é somente consciência, mas ele tem, do mesmo modo, um corpo que o liga com a realidade dos objetos (facticidade).

Sendo assim, a liberdade do ser humano é exercida perante as adversidades mundanas, não existe um âmbito para a liberdade e outro para a facticidade. O homem a executa na sua própria realidade, onde estão as oposições e pressões que são partes integrantes de sua vida.

Se não existissem os obstáculos postos aos homens, suas vidas seriam apenas um cumprir de tarefas já postas, não haveria a necessidade de escolher, pois tudo já estaria previamente determinado, a liberdade seria tão limitada quanto as escolhas. Dito isto, para se ter liberdade é preciso aceitar as adversidades.

Perdigão explicita a necessidade da ação e da circunstância para se ter a liberdade da seguinte forma:

A situação e a ação mostram-se tão indispensáveis à liberdade quanto, no tocante à temporalidade, a permanência é necessária à mudança. Assim como a mudança temporal não pode ser absoluta, mas exige uma relação com algo que permanece, também a liberdade exige alguma coisa que a contrarie. Em outros termos: a liberdade precisa de um campo de resistência do mundo. Sem obstáculo não há liberdade. (PERDIGÃO, 1995, p. 87).

Para realizar seu projeto o homem deve comprometer-se em suas ações e perpassar todas as adversidades impostas ao longo do percurso. Neste ponto é que se manifesta a liberdade, mesmo que as forças opositoras sejam muito fortes e incisivas, se ele crer realmente em seu projeto terá uma imensa chance de realizá-lo. O homem é livre no sentido de que ele pode agir sempre considerando as resistências.

Com isto, o ser humano, por não se criar a si próprio, está condenado a ser solitariamente - solitário, no sentido de não existência de Deus, superior a humanidade - livre. Contudo, mesmo tendo esta liberdade completa, ninguém pode escapar da plena e abrangente responsabilidade vinculada aos outros homens. Sartre diz:

Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. (SARTRE, 1987, p. 9).

O filósofo francês não aceita o argumento de que as paixões humanas (anseios e sensações) sejam fundamento para os atos das pessoas, visto que, elas não podem ser usadas como desculpas para erros de alguém, elas são frutos da responsabilidade do homem e não causa. Nem os sinais manifestados na terra podem servir de desculpas, pois eles podem ser

interpretados da maneira mais benéfica para cada ser humano.

A partir disto, Sartre define que o homem está só e sem auxílio, deve se inventar constantemente, a cada instante de sua vida. Isto é, qualquer pessoa no mundo tem de realizar seu futuro, mas não um previamente destinado, concebido e conhecido por Deus e sim um futuro a frente do homem, à espera dele, intocado. Neste contexto o ser humano se encontra desamparado e abandonado.

Para melhor compreensão deste abandono, Sartre nos apresenta o exemplo de um jovem, que tem de escolher entre ajudar sua mãe, que é sozinha, que foi deixada pelo marido, amargurada e que possuía apenas ele como filho, pois o outro tinha sido morto na guerra; ou, escolher ir para a guerra numa espécie de vingança de seu irmão morto em combate.

O jovem, apoiando sua mãe - que sem sua ajuda poderia vir até morrer, devido ao desgosto pelo seu desaparecimento ou morte na guerra - ficando com ela adota uma ação que pode até ser justificável, visto que, ele é importante para a vida de sua mãe. Em contrapartida, se o jovem escolher ir para guerra por vingança, esta atitude está arriscada a se tornar ambígua, pois ela pode até concretizar sua ação de vingança, mas há também, a possibilidade de ele ser nomeado secretário administrativo no

comando de guerra, em atividade meramente burocrática, com isso, não praticaria a ação antes pretendida.

Como se observa, há para o jovem dois tipos de ação, totalmente divergentes: ajudando a sua mãe, ele faria uma ação mais concreta, eficiente, mas que diria respeito apenas a uma restrita pessoa. Porém, escolhendo ir para a guerra, ele ampliaria seu ato, atingindo mais pessoas, mas sendo indefinido, pois com sua morte ou sua impossibilidade de ação, devido a uma designação burocrática, esta ação se tornaria inútil. Do mesmo modo, o jovem se depararia com duas formas de moral, uma fundada na afeição e atenção individual e outra abrangente e de resultados incertos. Mas, afinal, o que ou quem poderia auxiliar o jovem nesta complexa escolha?

Uma opção é a teoria cristã, que prega: amai ao próximo no sacrifício e escolhei o caminho mais duro. Todavia, segundo Sartre, não é a teoria apropriada para solucionar este dilema do jovem, pois apresenta algumas inconveniências como: qual o caminho mais duro dentre os dois, quem seria o irmão a ser amado, a mãe ou os soldados da guerra? O que seria mais útil ajudar alguém a viver ou lutar em uma guerra?

Sartre define que ninguém pode decidir *a priori* sobre o que fazer e nenhuma moral, previamente proposta, tem

autoridade de afirmar com certeza e precisão qual é a melhor escolha. A moral de Kant propõe que não se deve tratar ninguém como meio e sim como fim. Mas se o jovem escolher ficar com sua mãe, pode estar tratando-a como fim e os soldados da guerra como um meio, escolhendo ir para a guerra significa tratar os soldados como fim e sua mãe como meio.

Poder-se-ia então levar em conta uma terceira posição, como os instintos, para determinar as ações de alguém, pois como vimos os valores além de amplos são incertos; como os deterministas defendem. Contudo, não há como derivar valores de sentimentos, visto que, somente é entendido o que se sente em determinada ação no momento em que ela for praticada, não há como prever o que se sentirá numa ação futura antes que ela ocorra.

Os sentimentos são definidos pelos atos praticados e não se deve praticar algo baseando-se neles, isto é, tentar resultar valores de sentimentos pode se transformar em um círculo vicioso, pois somente se sente algo se tiver sido feito algo.

Segundo Sartre é quase impossível separar o sentimento da ação (vivência), ou seja, dizer que se ama alguém é o mesmo que exercer uma ação que demonstre, de alguma forma, este amor. O sentimento deriva da ação, com isso não se pode partir dele como princípio de uma conduta.

Porém, poder-se-ia cogitar a idéia de quem estaria apto para aconselhar alguém em uma determinada ação. Independente de quem seja o conselheiro, mesmo quando alguém escolhe a sugestão de certas pessoas, há necessariamente o comprometimento consigo mesmo. Isto significa que, quando se decide procurar algum conselho, se sabe mais ou menos, qual será a direção apontada pelo conselheiro.

Neste ponto, Sartre é taxativo: seja livre, faça sua própria escolha, invente. Não existe uma moral abstrata e pré-estabelecida, por meio de um princípio de virtude *a priori*, que apresente ao ser humano a solução antecipada e precisa de sua conduta, sobre o que é preciso fazer a respeito de algo. O mesmo se aplica aos sinais que a igreja católica afirma existirem no mundo. Alguém por infortunia e fracasso que sofre na vida, como desamores, dificuldades econômicas, dentre outras coisas, vê-se inclinado a atribuir tais acontecimentos a aparentes sinas sob a terra. Para estas pessoas, o rumo de suas vidas está necessariamente ligado a estes sinais, como se suas vidas fossem definidas por eles. Mas para Sartre, a vida de cada homem é como ele escolheu ser e de responsabilidade exclusiva dele próprio, assim como as interpretações destes sinais são, conseqüentemente, de sua inteira responsabilidade.

Perdigão salienta que da liberdade procedem duas espécies de angústia, uma temporal e outra ética. As duas derivam da impossibilidade de o homem se preparar de maneira absoluta em relação ao procedimento que cada escolha feita soma para a realização de seu ser e que uma nova escolha a ser feita também, potencialmente, realizará seu ser.

Sobre a angústia temporal, ele destaca a independência entre passado, presente e futuro. Em outras palavras, o ser humano é o presente, suas escolhas do passado não interferem, necessariamente, em seu presente, do mesmo modo, suas escolhas de hoje não definirão, inevitavelmente, o que ele será no futuro.

Com isto, cada escolha não tem por obrigação ser definitiva, ou seja, o ser humano está em plena mudança, ele nunca é imutável e absoluto. Isto implica que, tudo que se escolhe não é uma escolha acabada em si, sendo assim as escolhas correm um imenso risco de não permanecerem como tais, pois não se conhece o futuro.

Por exemplo, o rapaz que tem de decidir entre ir para guerra ou cuidar da mãe, escolhe uma das ações, porém, isto não o impede de que ele no meio do caminho opte pela outra alternativa, visto que ele é livre para agir de uma dada maneira e excluir outra ou vise-versa.

A angústia de cunho ético é bem definida nas próprias palavras de Perdigão:

No caso da angústia ética, constatada nossa liberdade, advém a incerteza de que os valores morais têm como único fundamento possível a nossa decisão de criá-los. A vida é permanente escolha, e, com cada uma de nossas escolhas, escolhemos o que somos, definimos a nós mesmos, por nós mesmos. A cada instante temos de optar por um valor, uma regra de conduta. O que nos angustia é saber que não temos a que recorrer para orientar a nossas escolhas. (PERDIGÃO, 1995, p. 113).

A noção de desamparo é paralela à de angústia, onde esta confere ao próprio ser humano a escolha da definição em seu ser. É o próprio homem que se define enquanto ser humano. Sobre o desespero, Sartre define que para a conclusão de uma ação o homem pode contar apenas com o que está condicionado a sua vontade ou a um grupo de possibilidades possíveis, onde estas possibilidades não são produzidas pelos seus atos, ou seja, para as pessoas há um determinado número de elementos possíveis, onde sua vontade deve ser exercida.

O ser humano tem que desejar algo dentro deste grupo delimitado de possíveis. Sartre quer dizer com isto que não adianta ninguém querer realizar uma ação num âmbito independente destes limites dos possíveis, pois nenhuma pessoa vai conseguir adaptar o mundo às suas vontades e a suas ações. Com isso, suas ações devem ser exercidas de acordo com

suas possibilidades. O homem é limitado assim como suas ações, dentro de um restrito grupo de prováveis, ou seja, ninguém pode buscar escolher alguma ação além de seu limitado campo de escolhas.

Sartre explicita assim, esta limitação nas várias escolhas possíveis:

A partir do momento em que as possibilidades que considero não são rigorosamente determinadas pela minha acção, devo desinteressar-me, porque nenhum Deus, nenhum desígnio pode adaptar o mundo e seus possíveis à minha vontade. (SARTRE, 1978, p. 237-238).

Contrariamente a isto, os marxistas⁴ dizem que o homem deve contar com os outros e que as ações humanas somente são limitadas pela morte. Neste sentido, qualquer homem deve contar,

⁴ Como P. Naville diz: “As palavras ‘desespero’, ‘desamparo’, têm uma ressonância muito mais forte num texto existencialista. Parece-me que, para você, o desespero ou a angústia são mais fundamentais do que, simplesmente, a decisão do homem que se sente só e é obrigado a decidir. É uma tomada de consciência da condição humana que não acontece a todo momento. Que nós escolhemos a toda hora, é ponto pacífico, mas a angústia e o desespero não se produzem constantemente.” (SARTRE, 1987, p. 22). Que diz também: “A questão que pode colocar-se, a partir dos pontos de vista que você acaba de destacar, é a de saber se a sua doutrina não irá apresentar-se, num futuro próximo, como a ressurreição do radical-socialismo. Isso pode parecer estranho, mas é assim que devemos colocar a questão atualmente. Você assume, aliás, os mais diversos pontos de vista. Porém, se procurarmos um ponto de convergência de todos esses pontos de vista, desses vários aspectos das idéias existencialistas, tenho a impressão de que o encontraremos numa espécie de ressurreição do liberalismo; sua filosofia tenta ressuscitar - em condições muito particulares, que são as condições históricas atuais - o que constitui o essencial do radical-socialismo, do liberalismo humanista.” (SARTRE, 1987, p. 24).

invariavelmente, com outros seres humanos e de qualquer parte do mundo, onde todos farão o possível para auxiliá-lo e mesmo após sua morte, continuarão seus propósitos. Se esta confiança não for estabelecida, segundo os marxistas, o homem não estará agindo de forma ética.

Mas, para Sartre, os únicos companheiros são aqueles que estão comprometidos “engajados” num objetivo concreto e comum. Sendo assim, este homem está contando com uma possibilidade dentro de um grupo de possíveis, onde são cabíveis decisões mais prováveis.

Contudo, é impossível alguém contar com pessoas que ele nem conhece, se valendo de uma possível “bondade humana” ou se apoiando numa inclinação humana para um bem-estar sociável, pois como vimos, o homem é livre e não existe uma natureza humana *a priori*, onde através dela seja possível conhecer plenamente uma pessoa, saber se ela é boa ou má e se é possível contar com ela em um grupo ou luta pela natureza, por exemplo.

Um ser humano deve confiar apenas no que ele vê hoje, não há como ter certeza de que seus projetos serão retomados e realizados após sua morte, pois os homens são livres para decidir o que será do homem amanhã, onde a decisão tomada pode ser totalmente oposta ao que foi antes

projetado. Não há como determinar o indeterminado, o que hoje é estritamente errôneo, no futuro pode vir a ser, potencialmente, um acerto. O existencialismo de Sartre sempre opera entre o determinado e o indeterminado.

Para Sartre todos os homens devem se comprometer com seus ideais projetados e agir independente de esperança, porque para se prender a um propósito não é necessário ter esperança em nada. Mesmo que um projeto não seja realizado de forma precisa como se desejava, o ser humano deve ater-se ao fato de que ele fez todo o possível para sua perfeita realização. Não há como conhecer, de forma indubitável, os resultados futuros de uma ação proposta, mas sim que os homens devem agir independentes de uma esperança qualquer, sendo isto a única coisa em que alguém pode confiar.

Como se observa, o filósofo francês desenvolve sua teoria no âmbito da prática, contida nas ações humanas, onde o homem é a realização de seus propósitos, ou seja, Sartre define o homem como ação, ele somente é (existe) na medida em que realiza todas as suas ações projetadas com comprometimento total. A vida de um homem é definida por seus atos e dentro de seus limites ele pode agir de inúmeras formas. Com isso, Sartre tenta demonstrar que sua teoria é um duro otimismo e não uma metafísica imobilista:

A doutrina que vos apresento é justamente a oposta ao quietismo, visto que ela declara: só há realidade na ação; e vai aliás mais longe, visto que acrescenta: o homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é, portanto, nada mais que o conjunto de seus atos, nada mais que sua vida. (SARTRE, 1973, p. 19).

Eis aqui um ponto que pode ser crucial para algumas pessoas⁵, que não interpretam esta teoria de modo correto, terem aversão ao existencialismo. Elas tentam, na maior parte das vezes, se justificarem argumentando que as circunstâncias em determinada ação lhes foram adversa, julgaram que poderiam ser melhores do que são, afirmaram que não encontraram amizades e amores sinceros, por não terem achado as pessoas corretas para preencher tais desejos, não tiveram uma vida intelectual produtiva devido à falta de tempo livre, se não tiveram filhos foi por causa de não terem encontrado a pessoa certa que compartilhasse de sua geração. Com isto, tentam afirmar que estão nelas, cristalizados potencialmente, valores superiores aos que seus atos lhes conferem. De outro modo, justificam seus erros ou inatividade com possibilidades que podem ser desenvolvidas, se desculpam afirmando que seus verdadeiros valores estão em atuações potenciais e não em suas ações realizadas. Estas pessoas,

que agem desta forma estão de inteira má-fé.

Se a teoria humanista existencial sartreana é concreta e ativa, “o homem é o que ele faz”. Sendo assim, o amor é construído, não existe um amor em potencial, ele só existe na medida em que vai sendo realizado por meio de uma subjetividade humana, não existe o sentimento de amor *a priori*. Alguém só pode ser considerado como um intelectual, se exercer sua capacidade intelectual, um filósofo o é por ter expressado suas teorias em obras filosóficas, a vida de um escritor é nada mais que totalidade de suas obras.

Não se pode levar em conta obras que poderiam ser escritas, prejudgando que elas estariam de maneira potencial em alguém. O homem se define na sua própria vida, ou seja, ele esboça uma figura dele mesmo e não existe nada além dessa figura.

O ser humano só pode se definir em sua realidade e não através de sonhos e esperanças. Isso o levaria a uma definição negativa e parcial, que é a pessoa acreditar que se define em seus fracassos e languidez adquiridos em sua vida, pois não é só um aspecto que define o homem e sim a totalidade de sua vida.

De modo sumário, não são somente as obras de um filósofo que o define como tal, sem sombra de dúvidas, são uma parte importante de seu ser, mas não todo ele, há

⁵ Emmanuel Mounier, Jackes Maritain, Pierre Naville e Roger Garaudy.

inúmeras outras atividades e realizações que o compõem da forma como ele é. É a definição positiva do homem:

O que queremos dizer é que um homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem estes empreendimentos. (SARTRE, 1987, p. 14).

É principalmente neste ponto que acusam o existencialismo de ser uma teoria pessimista, pois quando ela expõe um fraco ou medroso, ela o faz não baseada numa imposição do meio, por um convívio social ou uma delimitação psicológica e biológica, mas pautada no princípio de que todo homem é responsável por sua definição.

Quer dizer que o fraco é responsável por sua fraqueza e o mesmo se aplica ao medroso. Segundo Sartre, isto não pode ser caracterizado como um pessimismo e sim como um otimismo duro, pois aqui o próprio homem é o responsável por si.

Exemplificando, uma pessoa é covarde não por implicações temperamentais ou por ter o organismo covarde. Existem temperamentos nervosos e não covardes, a covardia é fruto de seus atos e não de uma constituição fisiológica covarde. Uma pessoa é covarde porque se construiu assim ao longo de sua vida, através de suas ações. Porém, existe a possibilidade de o covarde deixar de ser o que é, basta que se comprometa totalmente

em todas as suas ações e que elas sejam exercidas com o intuito dele se tornar um herói.

Neste ponto, Sartre acredita ter respondido a algumas das críticas iniciais referentes à teoria humanista existencial, visto que, ela não pode ser considerada como uma teoria que leva o ser humano a um imobilismo, pois ela define o homem por ação, totalidade dos atos. Não pode ser também pessimista em relação ao homem, onde para ela é o próprio homem que determina seu “destino”. E como ela pode ser definida como uma teoria que desencoraja as ações do ser humano? Para ela não existe fundamento na esperança, salvo na ação que é a única coisa que é admitida e faz sentido na vida do homem. Neste sentido, parece que Sartre está diante de uma conduta humana fundada na ação e no compromisso.

Sobre a crítica ao subjetivismo que isola o homem em si, prendendo-o num individualismo, se dá devido a uma interpretação errônea da teoria sartreana. A subjetividade como ponto de partida do humanismo existencial é entendida no sentido fenomenológico, que em síntese define a existência do reconhecimento reflexivo da consciência por ela própria (consciência de si) e também pela relação com o outro e o mundo, consciência irrefletida (consciência do externo).

Sartre admite a existência não só da consciência, mas do mundo como um pólo que se dá somente na sua correlação com o outro. Neste sentido ele tenta incorporar o *cogito* cartesiano na realidade mundana, não sendo mais apenas a coisa pensante (*res cogita*) isolada em si. Com isto, a fenomenologia deve dar conta da dialética entre o homem, seus semelhantes e o mundo.

Neste sentido Sartre parte não de uma subjetividade isolada em si, mas de uma postura que propicia a verdade:

Como ponto de partida, não pode existir outra verdade senão esta: *penso, logo existo*; é uma verdade absoluta da consciência que apreende a si mesma. Qualquer teoria que considera o homem fora deste momento em que ele se apreende a si mesmo é, de partida, uma teoria que suprime a verdade pois, fora do *cogito* cartesiano, todos os objetos são apenas prováveis e uma teoria de probabilidades que não esteja ancorada numa verdade desmorona no nada; para definir o provável, temos de possuir o verdadeiro. (SARTRE, 1987, p. 15).

A verdade absoluta (independente de qualquer coisa) só pode ser encontrada no *penso, logo existo* cartesiano, ela é o reconhecimento da consciência de si própria. Fora desta consciência tudo é provável e não imediatamente verdadeiro. Qualquer teoria de possibilidade que pretenda definir seu objeto tem, necessariamente, que se fundar na verdade. O *cogito* cumpre esse papel. Em síntese, é necessária a verdade absoluta para que se

encontre qualquer outra espécie de verdade.

A partir disto, se torna notória a diferença entre sujeito e objeto, consciência e matéria. A atitude natural materialista trata o homem equivalente a um objeto, onde este segue determinado padrão e suas reações são definidas dentro de um conjunto delimitado, não havendo diferença entre as ações humanas e as dos objetos, tudo se define em fenômenos.

Porém, o humanismo existencial atribui ao homem uma excelência que o diferencia dos objetos, pois o ser humano é o único, que, como vimos, consegue se reconhecer conscientemente (ter consciência reflexiva). Com isto se tornam diferentes os valores humanos e os valores dos objetos não humanos.

Devido a esta aceitação filosófica da existência do outro, que também possui uma consciência de si e do mundo, no *cogito* encontramos não apenas nós mesmos, mas também o outro, pois assim como *eu* tenho consciência dele ele tem de *mim*, neste sentido ele se torna tão verdadeiro para *mim* como *eu* mesmo. Sendo assim, diferentemente de Descartes, o outro é uma condição para a *minha* existência, visto que, *me* torno outro para a consciência dele e passo a existir para ele. Tenho, portanto, a *minha* existência duplamente comprovada: por *mim* (consciência reflexiva) e pelo outro que

tem consciência de *mim*. É este sentido que Sartre entende por subjetividade.

O outro se torna importantíssimo, pois é pelo seu juízo que se dá *minha* definição. Uma pessoa só saberá se é boa com a consideração do outro. Em outras palavras, alguém só pode alcançar uma verdade a seu respeito se levar em conta a análise do outro. Ele se torna necessário para *minha* existência e para *meu* próprio reconhecimento. Neste ponto, a *minha* reflexão *me* revela a liberdade do outro como um obstáculo para mim, que age contra ou a meu favor. Com isso há a descoberta do mundo da intersubjetividade. Neste contexto o homem vislumbra seu ser na relação com os outros, ou seja, o ser humano determina simultaneamente o que ele é e o que os outros são.

Se não é possível encontrar uma natureza humana universal presente em cada homem singular, há, ao menos, uma universalidade da condição humana. Condição é uma espécie de conjunto dos limites *a priori* que apresenta sua situação fundamental no universo, isto é, são determinações impostas ao homem sem a possibilidade de seu assentimento.

As circunstâncias históricas mudam para o ser humano. É possível alguém nascer escravo ou livre, por exemplo, mas não muda a necessidade de sua presença no mundo, de exercer atividades relacionadas

ao trabalho, de convivência com os outros e da vivência da mortalidade.

Estes limites não são nem subjetivos e nem objetivos. Na verdade eles são o resultado dos dois aspectos. Objetivos: quando são abrangentes e reconhecíveis globalmente. Subjetivos: na medida em que, são vividos (vivenciados), isto é, só existem limites subjetivos se o ser humano, livremente se definir condicionado por eles.

A unidade universal no projeto humano, que tem por principal anseio ultrapassar precisamente os limites da condição humana, seria a compreensão racional, possível a todos os seres humanos, do projeto dos outros.

Existem vários projetos, de vários homens e de vários países, mas qualquer um pode se lançar nos seus limites com o intuito de reconhecer exatamente o que são. Podendo assim, até refazer, com base nestes projetos, o seu próprio. O projeto não define o homem, mas através dele é possível reconhecer a condição humana.

A partir disto, há sempre um modo de compreender algum projeto, mas com o necessário esclarecimento. É aqui que vislumbra-se uma universalidade do homem, que é continuamente construída e não oferecida. Para construir este universal, o homem deve escolher-se, baseado em seu entendimento do projeto do outro.

É neste sentido que podemos dizer que cada um de nós é absoluto respirando, comendo dormindo ou agindo de um modo qualquer. Não existe diferença alguma entre ser livremente, ser como projeto, como existência que escolhe sua essência, e ser absoluto; não existe nenhuma diferença entre ser um absoluto temporariamente situado, ou seja, que se localizou na história, e ser universalmente compreensível. (Sartre, 1987, p. 17).

Todavia, parece não estar resolvida a oposição ao subjetivismo, pois esta aparece de várias formas. A primeira atribui ao humanismo a idéia de que o homem pode fazer o que quiser, taxando-o de anarquista, prescrevendo que não se pode julgar aos outros e também dizendo que na escolha tudo seria gratuito. Observando melhor, estas oposições não são tão relevantes. No que diz respeito à primeira, não está correto dizer, que se possa escolher o que bem entender, em certo sentido é possível a escolha, o que é impossível, é deixar de escolher, ou seja, mesmo que um homem não escolha, ele escolheu abdicar. Isso tem um aspecto muito relevante, pois restringe a fantasia e o capricho. Sendo verdade que em uma determinada circunstância o ser humano tem por obrigação escolher uma ação - implicada uma responsabilidade -, que unida a um compromisso engloba humanidade inteira. Para Sartre, o homem sempre está em uma circunstância organizada, comprometendo-se e

comprometendo a humanidade inteira, através de sua escolha.

A escolha moral é comparável a construção de uma obra de arte. Na arte um pintor, por exemplo, não tem um quadro definido antes de ser feito, não existem, pré-estabelecidas regras *a priori* para a inspiração. Não existem valores estéticos *a priori*, mas eles são vistos na coesão do quadro, no relacionamento entre vontade de criar e o produto. Não se pode avaliar um quadro sem que ele esteja pronto.

Segundo Sartre, o homem está na mesma situação criadora, nesta relação entre moral e arte um quadro de determinado pintor nunca o resultado de uma gratuidade. Compreende-se, que o pintor é o que ele faz no momento que pinta. E a soma de suas obras faz parte de sua vida. O mesmo, ocorre na moral, ela é semelhante à arte de um pintor, por exemplo, pois tanto na arte quanto na moral existe criação e invenção, onde não podemos decidir *a priori* sobre o que fazer.

O homem pode se pautar por uma espécie de moral abstrata, mas quem escolhe o que fazer é ele próprio. Neste sentido, ele escolhe sua moral. Devido à imposição presente nas situações, é necessário que se faça uma escolha entre um caminho e outro, o homem está impossibilitado, contudo, de não escolher uma moral. O ser humano não se realiza imediatamente no começo, ele é definido

em relacionamento com um compromisso. Sendo, portanto um absurdo, dizer que na escolha há gratuidade:

O homem faz-se; não está realizado logo de início, faz-se escolhendo a sua moral, e a pressão das circunstâncias é tal que não pode deixar de escolher uma. Não definimos o homem senão em relação a um compromisso. É portanto absurdo acusarem-nos de gratuidade na escolha. (SARTRE, 1978, p. 258).

Prosseguindo, quando alguém diz que é impossível para o homem julgar os outros, em certo sentido pode-se dizer que é verdade, pois nenhuma pessoa deixará de escolher o seu projeto - independentemente de qual seja ele -, que teve um enorme comprometimento, para escolher um projeto de outro homem, visto que, a escolha comprometida e de seu projeto foi feita de maneira racional e sincera.

Porém, como vimos há uma interdependência nas escolhas humanas, com isto, o homem pode julgar moralmente ou logicamente (juízo lógico) aos outros, pois é pela face dos outros que nós escolhemos e nos escolhemos. Vejamos o que Sartre diz sobre o ato de julgar os outros:

Pode-se julgar um homem dizendo que ele está de má-fé. Se definimos a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, todo o homem que se refugia na desculpa que inventa um determinismo é um homem de má-fé. (SARTRE, 1973, p. 25).

Nesta acepção de má-fé as pessoas que afirmam a existência de valores pré-estabelecidos, que tentam justificar suas ações, estão se contradizendo, pois a escolha em determinada circunstância não pode ser previamente definida, ela é exercida na própria ação e toda ação que se assume enquanto tal é um modo de boa fé e não de má-fé. A tentativa de agir de forma errônea, inautêntica, já implica uma ação de inteira má fé.

A liberdade é o fundamento de todos os valores morais existencialistas, pois é em liberdade que o homem exerce todas as suas ações objetivas. É com ela que se estabelecem todos seus valores em total abandono, ou seja, a conduta moral do homem, só existe em sua liberdade, nas ações dos seres humanos e não de forma abstrata - como ideal a ser perseguido e nunca alcançado - e independente desta realidade. Partindo disto, todos os atos de homens de boa fé são executados com o fim último de alcançar a liberdade em ato e em cada situação particular de sua vida:

Além disso, posso fazer um juízo moral. Quando declaro que a liberdade, através de cada circunstância concreta, não pode ter outro objetivo senão o de querer-se a si própria, quero dizer que, se alguma vez o homem reconhecer que está estabelecendo valores, em seu desamparo, ele não poderá mais desejar outra coisa a não ser a liberdade como fundamento de todos os valores. Isto não significa que ele a deseja abstratamente. Mas, simplesmente, que os atos dos

homens de boa fé possuem como derradeiro significado a procura da liberdade enquanto tal. (SARTRE, 1987, p. 19).

Um homem, quando executa uma ação determinada, pretende chegar a uma finalidade concreta, mesmo que isto condicione um desejo abstrato de liberdade, tal anseio é apenas um meio para se conseguir uma finalidade, que é a conclusão da ação proposta. Por isso é que se almeja a liberdade em cada momento característico. Quando um ser humano procura sua liberdade, descobre que ela está condicionada por todos os outros homens e necessariamente a liberdade dos outros condiciona a sua. Quando há a relação de compromisso, o ser humano é forçado a querer tanto a sua liberdade quanto a dos outros. É somente em liberdade que há a relação humana de conduta e de existência. Neste sentido a liberdade de um indivíduo só será considerada como um fim se ele considerar a de todos como fim igualmente.

Assim sendo, em um plano de autenticidade (aceitação de sua condição, onde é o próprio homem que se define) total, o homem é reconhecido como um ser onde a “existência precede a essência”, é livre porque deseja a sua liberdade e necessariamente a dos outros.

Devido a esta relação recíproca entre as liberdades, entre os homens, Sartre afirma que pode formar um juízo acerca

das pessoas que buscam esconder de si próprios a inteira gratuidade da sua existência e a sua plena liberdade. Em outras palavras, para negar sua liberdade e suas conseqüências, o agente de má-fé tem obrigatoriamente que ser livre, pois somente em liberdade é possível executar uma ação qualquer.

Aos que mascaram para si próprios, com desculpas, a sua total liberdade, Sartre os nomeia de covardes, aos que tentam provar que as suas existências são necessárias na terra como seres absolutos, onde elas não passam de contingentes e temporárias, são os safados, mas, como o próprio filósofo francês afirma, esses nomes só podem ser atribuídos a eles num âmbito de total autenticidade. Como Sartre afirma em:

Em função disso, podemos entender por que nossa doutrina horroriza certo número de pessoas. Frequentemente, elas dispõem de um único recurso para suportar a sua miséria, e é o de pensar o seguinte: “As circunstâncias estavam contra mim; eu valia muito mais do que aquilo que fui; é certo que não tive nenhum grande amor ou nenhuma grande amizade, mas foi porque não encontrei um homem ou uma mulher dignos de tal sentimento; se não escrevi livros muito bons, foi porque não tive tempo livre suficiente para fazê-lo; se não tive filhos a quem me dedicar, foi porque não encontrei o homem com quem teria podido construir a minha vida. Permaneceram, portanto, em mim, inutilizadas e inteiramente viáveis, uma porção de disposições, de inclinações, de possibilidades que me conferem um valor que o simples

conjunto de meus atos não permite inferir”. (SARTRE, 1987, p. 13).

Sartre vê alguns problemas nas morais universalistas e abstratas e expõe o seguinte: a forma delas é universal e sua aplicabilidade parecer ser variável. Kant acerta ao dizer: a liberdade quer-se a si própria assim como a dos outros. Porém, erra ao afirmar que a forma idealista e universalista é a totalidade de uma moral. Sartre nota que os princípios muito abstratos são falhos para se determinar uma ação, pois em uma decisão prática não há como julgar se o que foi feito poderia ocorrer de uma forma totalmente diversa, as especificidades da ação nunca são expostas em um âmbito abstrato e universalista. A aplicação é sempre concreta e suas conseqüências não são totalmente previsíveis. Neste ponto, o coerente é inventar, levando em conta se a invenção foi exercida em consenso com a liberdade. Como Sartre diz:

Se considerarmos as condições humanas como condições que se definem por um X, que é o X do sujeito, mas não pelo contexto natural dessas mesmas condições nem por sua determinação positiva, estamos perante outra forma de natureza humana: trata-se de uma natureza-condição, se você quiser, ou seja: a natureza humana não se define simplesmente como tipo abstrato de natureza mas revela-se por meio de algo que é muito mais difícil de formular - por razões que, na minha opinião, são históricas. (SARTRE, 1987, p. 25).

No que diz respeito à objeção de que a escolha no existencialismo humanista é licenciosa, sem implicações e conseqüências, não é completamente verdadeira e nem totalmente falsa, visto que, num âmbito de comprometimento total e livre, contido num campo de possibilidades possíveis, pode-se escolher qualquer coisa, dentre as alternativas dadas. Em relação ao fato de que na escolha não há uma reciprocidade, onde sempre se espera uma ação, mas se exerce outra, Sartre defende que os valores parecem não ser tão sérios, pois o homem escolhe um ou outro valor para sua conduta, porém esta volatilidade tem uma utilidade em suprir a idéia de Deus como criador de fins. É imperativo que o homem invente os seus próprios valores e enfrente a concretude das coisas em sua própria realidade. Portanto, os valores existencialistas são inventados. No decorrer da vida humana, no exercício de sua existência visando definir sua essência, os seres humanos inventam seus próprios valores, ou seja, eles são o sentido dado pelo homem na realização da própria vida.

A partir desta relação valorativa, onde o homem cria seus valores, podendo formar uma “comunidade humana” ou vivência coerente entre si, pois

[...] dizer que nós inventamos os valores não significa outra coisa

senão que a vida não tem sentido *a priori*. Antes de alguém viver, a vida, em si mesma, não é nada; é quem a vive que deve dar-lhe um sentido; e o valor nada mais é que esse sentido escolhido. (SARTRE, 1987, p. 21).

Sobre a crítica ao existencialismo ser um humanismo, Sartre, para explicar como isto é possível, aponta que existem dois tipos de humanismo. Um que toma o homem como fim e valor supremo, ou seja, mesmo que um ser humano não tenha executado um ato de grandeza, ele na qualidade de homem, seria responsável por atos particulares. Nesta vertente é possível identificar que os valores humanos são definidos por atos mais altos e nobres de indivíduos. Este humanismo é incoerente, pois, como vimos, ninguém pode predicar um juízo valorativo ao homem tomando-o como um fim necessário a todos. Não se pode tomar um homem por ideal, pois ele está sempre num constante devir, ele está sempre se fazendo. Isto o levaria a um humanismo fechado em si mesmo. Se os homens tivessem seus ideais pré-definidos não precisariam de uma relação concreta entre si para a definição dos valores.

O outro tipo de humanismo, o existencial, é mais coerente:

[...] o homem está constantemente fora de si mesmo, é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz existir o homem e, por outro lado, é perseguindo fins transcendentais que ele pode existir; sendo o homem esta superação e não se apoderando de objetos senão em referência a esta superação, ele vive no coração e no

centro desta superação. Não há outro universo senão o universo humano, o universo da subjetividade humana. (SARTRE, 1978, p. 268-269).

O homem é superação feita com o ato de projetar-se para fora de si próprio, buscando fins transcendentais com o intuito de se fazer existir, o ser humano vive no ato da superação, que está fundada no universo da subjetividade humana em relação com o outro.

Humanismo existencial provém da relação de transcendência, que instiga o homem e a subjetividade. Ele intenciona sua subjetividade em busca do outro, visando definir-se na própria humanidade, isto é, transcender os limites da sua própria subjetividade para adquirir um caráter de escolha universal por se comprometer e se responsabilizar pela própria humanidade.

CONCLUSÃO

Concluindo, o existencialismo sugere que a essência dos seres humanos é construída através de seus atos, pois sendo livre o homem é apenas o que ele faz de si mesmo. Isto quer dizer que a essência humana é desenvolvida com a realização de seu projeto e das escolhas exercidas ao longo da existência do ser humano.

Nota-se, assim, que tal obra tem por principal foco a exposição de um posicionamento ético do existencialismo, visto que, sendo livre, o homem, é responsável por todas as suas ações e,

escolhendo-se ele escolhe, de maneira implícita, todos os outros. Em outras palavras, se alguém se define de tal modo específico define-se ao mesmo tempo o que é o humano em sua concepção. Neste sentido, cada um inventa a humanidade, partindo de seu projeto e escolhas e se tornando responsável por elas. Se, para Sartre, a essência humana se define através de ações, ou seja, tudo está em ato e não em potência, o ser humano é forçado a agir, fazendo, conseqüentemente, da moral existencialista uma moral da ação e não do quietismo. Posto que a liberdade é o fundamento de todos os valores éticos, todo homem deve assumi-la e afirmá-la, do contrário, ele pode ser acusado de má-fé. Este assumir e afirmar a liberdade não deve ficar restrito apenas a um indivíduo, ela deve ser estendida a uma universalidade, pois se não há natureza humana há, todavia, uma condição humana, que por sua vez é comum a todos, isto implica uma universalidade de todos os projetos humanos. Com isto, tanto a afirmação da liberdade quanto a acusação de má-fé devem ocorrer no âmbito universal.

Como visto anteriormente, os valores morais não são postos e dados *a priori* aos homens. Não se encontra uma moral universal em um “céu inteligível” que conduza com precisão os seres humanos, não existe uma regra moral geral que

aponte ao homem como ele deve agir ou o que ele pode fazer em determinada circunstância. Todas as regras gerais são sempre abstratas.

Do mesmo modo, não existem virtudes em si como bondade e honestidade - ditas fundamentais para a conduta humana. Sendo assim, os valores existenciais são subjetivos, são escolhas que se transformam em objetivos devido ao ato de exercer tal escolha. Nota-se desta maneira que não há nada que certifique a uma pessoa que ela deva tomar tal decisão ao invés de outra qualquer e também nada pode justificar a posição de ter decidido por A e não B.

Somente a liberdade pode ser aceita como fundante da moral, pois *sou eu*, enquanto ser consciente, que estabelece os valores. É o próprio ser humano que cria sua ética, a ele não há imposições morais e é ele que impõe, constrói e determina os valores que serão seguidos por ele. Isto se explica devido ao fato de que são os próprios seres humanos que dão significados às coisas e julgam suas próprias ações, se algo está correto ou não. Os valores são o que são por causa da decisão que os homens tomam. Para existir o certo ou o errado é necessária a intencionalidade de uma consciência que os tomem como tais, ou seja, os valores são julgados e têm sentido para uma consciência que os designam serem assim.

Não existe um método para fazer valores, eles são feitos no próprio ato de escolher uma ação, valor e escolha se confundem, pois para o existencialismo humanista não existem valores eternos para predicar o que se deve fazer. Então, cabe a nós escolhê-los.

Portanto, a angústia decorre da dependência dos valores em relação a nossa liberdade, que é exercida com a intenção de agirmos de determinada forma. Os valores são inventados frente a uma coerência de cada um consigo mesmo, não sendo gratuitos, onde todos assumem as conseqüências de suas decisões. O que pode ocorrer é o arrependimento em face de uma ação executada, que depois há a possibilidade de ser modificada, colocando em dúvida os valores antes tidos como corretos, mudando também, se necessário, o projeto de quem a realizou.

Isto demonstra que o homem é totalmente responsável, não somente por seus atos, mas também pelo sentido do mundo, que tem seus valores atribuídos por uma consciência humana. Esta imensa responsabilidade provém desta dependência entre significado do mundo em relação a humanidade, ou seja, o mundo se apresenta a *mim* (consciência) e *sou eu* que lhe confiro sentido. O “meu mundo” é o reflexo da imagem das minhas escolhas livres e conscientes.

Logo, esta “escolha universal”, que vincula a humanidade inteira, não é exercida em forma de imposição, isto é, não é por causa de determinada decisão de uma pessoa que todos têm por obrigação agir como ela. É oferecido um possível modelo de boa conduta e não a imposição de agir como tal.

De modo sumário, podemos afirmar que cada um age como se fosse o regulador das ações humanas, um legislador universal que se faz pelas escolhas cotidianas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me auxiliaram nesta pesquisa, no desenvolvimento e na conclusão do meu plano de trabalho apresentado e aprovado ao programa institucional de bolsas de iniciação científica - PIBIC, CNPq, UFU.

Merece agradecimento especial o CNPq que acreditou no meu potencial, me dando a oportunidade de tentar desempenhar um bom trabalho. Espero que este trabalho seja útil para a reflexão de outras pessoas sobre o modo como os homens estabelecem relações entre si.

Não posso deixar de agradecer aos meus professores do curso de filosofia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Principalmente ao meu orientador, o prof. Dr. Simeão Donizeti Sass, que sempre teve paciência, insistência e

atenção para me nortear neste árduo trabalho.

Agradeço também a toda minha família, que sempre me apoiou nesta minha empreitada, me dando sempre apoio e tranqüilidade em toda minha vida. Meu muito obrigado.

BIBLIOGRAFIA

MACIEL, Luiz Carlos. **Sartre: vida e obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1967. 195 p.

MORAVIA, Sergio. **Sartre**. Trad. José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 1985. 183 p.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **Sartre: Existencialismo e Liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995. 120 p. (Coleção Logos).

PERDIGAO, Paulo. **Existência e Liberdade : Uma Introdução à Filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995. 294 p.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**, Trad. Paulo Perdigão Petrópolis: Vozes, 2002. 782 p.

_____. **O Existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1973. (Coleções Os Pensadores). 500 p.

_____. **O Existencialismo é um Humanismo**. Traduções e notas de Virgílio Ferreira. Ed. 4. Lisboa: Presença, 1978. 307 p.

_____. **O Existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão do método/Jean Paul Sartre**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Traduções de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior.

Ed. 4. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 191 p.

_____. **Sartre no Brasil: a Conferência de Araraquara: filosofia marxista e ideologia existencialista/Jean-Paul Sartre**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987. 103 p.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e literatura em Sartre: Ensaio introdutórios**. São Paulo: UNESP, 2004. (Coleção Biblioteca de Filosofia). 260 p.